

Olinda já supera carnaval recifense

O carnaval do Recife, que este ano foi definitivamente superado pelo de Olinda em termos de animação e participação popular, terá seus vencedores conhecidos na manhã de hoje, quando, na sede da Emetur, serão proclamados os campeões de 1974. Os grandes favoritos são o Vassourinhas — na categoria clube —, Banhistas do Pina — categoria bloco —, Estrela Brilhante — maracatu —, Destemidos de Campo Grande — troça —, e Gigante do Samba — escola de samba.

Entre os caboclinhos, a disputa parece mais acirrada, tendo os **experts** considerado excelentes as exibições dos Canindés e dos Tabajaras. O resultado mais ansiosamente esperado é o das escolas

de samba, devido à tradicional rivalidade entre Gigante do Samba e Estudantes de São José, que também fez uma boa apresentação.

Em Olinda, ao contrário do carnaval de rua recifense, a participação do povo foi a tônica. Sem a passarela e os cordões de isolamento — instituições que os pesquisadores consideram importadas do Rio — milhares de foliões puderam se misturar aos passistas e pular o frevo em plena rua. Calcula-se que cerca de 150 mil pessoas estiveram participando do carnaval olindense e, como a cidade tem apenas 250 mil habitantes, constata-se que a participação do povo na folia foi provavelmente a mais alta em todo o País, em termos proporcionais.

Diário de Pernambuco - 28/02/1974: Nos Maracatus o misticismo das Nações Africanas, Caderno I, p.13.







O misticismo das nações africanas voltou a ser revivido na passarela da Dantas Barreto. Os maracatus Leão Coroado, Indiano e Estrela Brilhante, com o autêntico ritmo do "baque-virado", suas bonecas, reis e rainhas com as umbelas girando em torno das cabeças, deram uma mostra do nosso folclore. No Pátio do Terço, segunda-feira, os maracatus concentraram-se na já tradicional Noite dos Tambores Silenciosos. Essas agremiações estão morrendo aos poucos. As cortes apresentaram-se incompletas, notando-se a ausência de "príncipes", "damas", "embaixadores" e outras figuras que compõem aquelas "nações". Mesmo assim, a tradição foi revivida, ao som dos atabaques, agogôs, chocalhos, pandeiros e violas, chegando a impressionar os poucos turistas que aqui estiveram para assistir ao Carnaval de Pernambuco, que se mantém firme, apesar dos pesares.





Maracatus agradam com seu ritmo e misticismo

Os maracatus — que representam a participação africana com seu ritmo e misticismo no carnaval do Recife — estiveram equilibrados nos desfiles na Avenida Dantas Barreto, aparecendo dois em cada noite. A "Nação do Estrela Brilhante", que estreou a conseqüência "rainha" dona Madalena, mereceu destaque especial, obtendo os aplausos mais entusiasmados na noite da segunda-feira.

Agora "Nação Africana", "Estrela Brilhante", "Leão Coroado", Porto Rico do Oriente, "Cambinda Estrela" e "Indiano", desfilarão também os chamados "maracatus rurais" ou maracatus de lanças e "luchaus", entre os quais se

destacaram em primeiro plano o "Almirante do Forte" seguido-se "Leão de Aídeia" e "Cruzeiro do Forte", sendo registrada a participação, pela primeira vez, do "Leão Brasileiro", fundado em 1968.

"INDIANO"

O "Indiano", que era do tipo rural, por influência da "rainha" dona Madalena transformou-se em "Tema Virado", embora o seu título não ajudasse. Assim, conduzido pela "monarca", a agremiação conseguiu desbançar, anos seguidos, o centenário "Leão Coroado".

Entretanto, desde 1973, por desentendimentos com o presidente do "Indiano", dona Madalena renunciou ao trono e à coroa dessa agremiação, o que lhe custou ser classificada em 4º lugar. Neste ano, ainda meio desorientado pela ausência da "rainha", tudo indica que o "Indiano" não obterá posição de destaque entre os concorrentes.

ESTRELA BRILHANTE

Enquanto isso, o "Estrela Brilhante", classificado em 2º lugar no ano passado, sob a orientação da nova "rainha", dona Madalena, fez uma exibição so-

berba, apresentando todos os integrantes da "corte" em grupos distintos, tendo à frente a diretoria. E sem favor, um dos grandes postulantes ao título de campeão da categoria, versão V.

PORTO RICO

A "nação" do Porto Rico do Oriente, dirigida pelo "rei" Eudes, que durante vários anos foi "partner" da saudosa dona Santa, comportou-se nesse carnaval com o mesmo equilíbrio dos anos anteriores. Apenas aboliu a alegoria do barco a vela que costumava apresentar e substituiu o tradicional e

primitivo pavilhão pelo estandarte comum às demais agremiações.

Alega o dirigente do "Porto Rico" que foi forçado a cortar aqueles detalhes devido a agremiação estar sendo prejudicada por membros da Comissão Julgadora, ignorantes das origens dessas "nações" africanas e que subtraíram pontos porque, em vez de apresentar estandarte, o maracatu usou com a bandeira que simbolizava o próprio pavilhão da "nação".

"LEÃO COROADO"

Essa agremiação não vem fazendo

nas apresentações, à fama e à tradição centenária de que goza. Ano passado, por não ter sido contemplado com auxílios financeiros do Poder Público, à guisa de estímulo desvanecido e título de campeão, prejudicando o "Estrela Brilhante".

Em 1974, apesar de beneficiado com recursos mágicos, o "Leão Coroado" não correspondeu à expectativa dos administradores, com exceção, é claro, do balcão, que é constituído pelos remanescentes do famoso "Elefante", de dona Santa.



Tambores silenciam no Pátio do Terço

A "Noite dos Tambores Silenciosos" voltou a ser este ano, o grande espetáculo misto do segundo dia de carnaval e, mesmo sem contar com a participação de todos os maracatus "nação africana", que agora voltaram a ser distribuídos pelas três noites, sensibilizou a todos quantos a assistiram.

A meia-noite, o Porto Rico do Oriente, com a potência máxima do batuque, ingressou no Pátio do Terço acompanhado de incalculável multidão, tendo à frente o "embaixador" (porta-bandeira) e a "dama do paço". Ao mesmo tempo, elementos do Teatro Equipe do Recife, vestindo tangas, caracterizados de escravos e acorren-

tados, postaram-se no pórtico da igreja do Terço.

LOUVAÇÃO

O maracatu prosseguiu na marcha em direção ao templo, entoando uma louvação a Nossa Senhora do Rosário. Os bombos e gonguês batiam forte e cadenciadamente, enquanto os integrantes respondiam ao refrão da loa, atingindo o momento máximo quando os bombos silenciaram.

Os "curumins" que puxavam o préstito ajoelharam-se diante da porta do templo (o mesmo local onde, há

150 anos, frei Caneca foi despojado das vestes sacerdotais para vestir a túnica dos condenados), enquanto os integrantes do Teatro Equipe do Recife iniciaram a encenação do "Lamento Negro" — um autodramático, de autoria do jornalista Paulo Viana.

Esse auto consta da recitação de um poema em jogral, seguindo-se o canto. A parte declamada tem como fundo musical o toque de silêncio, executado por clarins, do alto da torre da Igreja do Terço. Terminada essa parte os bombos e gonguês voltam a soar com a mesma intensidade e as agremiações continuam a percorrer os itinerários.

As chuvas caídas domingo impediram melhor exibição da Escola verde-branco-rosa Limonil, da rua São Miguel, nos Afogados que teve de repetir a sua apresentação segunda-feira de Carnaval. Com 700 figuras, Limonil fez uma apresentação correta, com o tema "Recife Evocação e Carnaval".

Seu samba-enredo agradou. Evocou as figuras do velho Recife, como o "vassureiro" e "Bolinha da Câmara". "Recife, cada sobrado uma glória — diz um dos versos do samba, que, no entanto, não conseguiu fazer o povo cantar com a Escola.

Discreção e dignidade é o que se pode dizer da exibição de Limonil que, se não veio rica, manteve um nível regular em suas fantasias e apresentou

alguns destaques de bom efeito visual. Sua apresentação foi prejudicada pela preocupação em demonstrar maior número de integrantes.

APENAS DESFILOU

A Escola da Casa Amarela não veio com grande pretensão. O enredo "Mobral" é difícil de ser desenvolvido. O seu samba-enredo quase não foi ouvido pelo público, pois a agremiação verde-branco-amarelo não veio com o seu próprio sistema de som. Império do Asfalto não apresentou alegorias. Simplesmente desfilou, sem nenhuma pretensão.

GIGANTE: POVO NA PASSARELA

As 2h30m de terça-feira foi que a Escola verde e branco, do Alto do

Pascoal surgiu na passarela, quando a chuva caiu novamente, o que não impediu o calor e o entusiasmo de seus integrantes. A grande águia, símbolo de Gigante, abriu o cortejo, seguida da bateria, este ano com 230 batuqueiros, comandada pelo veterano "Lavanca", que na verdade foi um dos grandes comandantes da vitoriosa apresentação da agremiação. O seu comando foi decisivo, uma vez que o samba-enredo de Manoelzinho exigia cuidado especial, na passagem da segunda parte do samba. A bateria respondeu e não atravessou.

O samba-enredo foi de maior comunicação, cantado não só pelos compositores da Escola, como por todos seus integrantes e o público.

O tema-enredo "M u n d o

M a r a v i l h o s o da Criança"
"Mundo Maravilhoso da Criança" foi bem explorado, sendo aproveitadas as figuras de Walt Disney. Vale salientar que no carnaval pernambucano não há norma que determine obrigatoriedade de tema nacional, folclórico ou histórico.

"Gigante" cantou e dançou na onda sucessiva de suas alas. Não parou um só instante, numa confiança de vitória demonstrada no entusiasmo e no calor de seus malabaristas, capoeiristas e baianas. Falhou, no entanto, em algumas alegorias que não acompanharam a riqueza do restante da Escola. Apenas a águia, primou realmente de artesanato, esteve à altura da apresentação.

ESTUDANTES — EMPOLGAÇÃO

Estudantes veio duas vezes ferido. Primeiro, porque não desfilou no ano passado, segundo, pelo acidente de que foi vítima a sua "ala-show".

A Escola alvirrubra do bairro de São José apresentou várias falhas. Desde a bateria, com 198 batuqueiros, que se não chegou a atravessar não apresentou ritmo seguro. O samba-enredo não foi cantado, até pelos próprios componentes da escola e muito menos pelo público presente. A figura de Santos Dumont foi bem caracterizada. O ponto alto esteve em suas alegorias, uma delas apresentando o 14-bis, e outras, os foguetes e a conquista da Lua. Estudantes não reviveu seus grandes momentos.



Na evolução da porta-bandeira e do mestre-sala — os pontos mais importantes de uma escola de samba

Samba quente no asfalto da praça

No asfalto quente da Praça da Independência, o samba, através das escolas de 2a. categoria, mostrou que está tomando conta dos desfiles carnavalescos. Durante toda a terça-feira dominou a passarela, quando se apresentaram 11 das 21 escolas programadas.

O desfile começou às 10 horas, com a apresentação de Unidos da Vila, encerrando-se às 17 horas, com Estudantes do Pina. A grande apresentação, no entanto, foi a da escola de samba Unidos de Lourdes Dutra, de Água Fria. Seu desfile não foi oficial, mas demonstrou que muito tem para alegrar o reinado momesco.

A apresentação das escolas de 2a categoria foi muito mais rica do que nos anos anteriores, fazendo com que os membros da Comissão Julgadora tivessem dificuldade em apontar as melhores.

O título de campeã, segundo os observadores, deverá ficar entre Galeria do Ritmo, Império do Samba, Estudante do Pina e Geográficos do Samba, com ligeiro favoritismo para a primeira, que tenta o bicampeonato.

A ausência da quase maioria das escolas de 2a. categoria veio demonstrar que a CPC deve assumir uma posição: não aceitá-las (as ausentes), por que pegam o dinheiro do Município e do Estado para fazer seus carnavais particulares, enganando o povo, que muitas vezes vai à avenida para vê-las desfilar.



Das pequenas escolas de samba, Unidos de Lourdes Dutra foi a sensação



A ala das sombrinhas de Gigante esquentou a passarela da Avenida Dantas Barreto

Diário de Pernambuco - 28/02/1974: Na passarela publica parou para aplaudir samba, Caderno II, p.08.



Com o gingado das cabrochas e o batuque ritmado do surdo, do tamborim e da cuíca o público vibrou na avenida ante a passagem das escolas de samba. Alas de gafieira, dos iguais, dos homens-
"show", etc. transformaram a passarela num pan-

demônio cadenciado de beleza e coreografia, onde se confundia a riqueza das fantasias com a beleza e harmonia dos desfilantes. Na opinião geral, o samba está acabando com o frevo. As escolas de samba estiveram mais ricas e os seus integrantes



desfilando com maior entusiasmo. Foi um espetáculo à parte, somente quebrado pelo horário em que houve o desfile, pelo menos no segundo dia, quando Gigantes, Estudantes de São José e Limonil, as maiores, começaram a apresentar-se na pas-

sarela da Dantas Barreto já madrugada da terça-feira, quando boa parte do público havia se retirado. Durante este dia as escolas de 2.ª categoria desfilaram na Pracinha do DIÁRIO, com o mesmo entusiasmo das maiores.













